O estoicismo de
Guilherme Gomes Fernandes

Naquele fim do mês de Outubro de 1902, toda a cidade vibrou de ansiedade pelas notícias que a cada momento chegavam de Lisboa, sobre o resultado da operação a que se fora sujeitar o valoroso e muito querido Inspector dos Incêndios Guilherme Gomes Fernandes.

Pelas notícias então publicadas nos jornais diários e pelas cartas dirigidas por Guilherme Fernandes ao seu grande amigo e ajudante João Vieira de Almeida, também na ocasião publicadas, pudemos reconstituir o que foi a dramática luta travada por aquele intrépido bombeiro, que tantas vezes pusera em evidência as suas altas qualidades de valentia e abnegação no salvamento da vida do seu semelhante, agora em luta pelo salvamento da sua própria vida, com uma admirável resignação, sem um desânimo, sem um lamento perante o seu cruciante martírio.

GUILHERME GOMES FERNANDES
(1849-1902)

Já lá vão perto de 50 anos e, infelizmente, ainda hoje se desconhece o remédio para o terrível mal que o matou e tantas vítimas tem causado.

Guilherme Fernandes, que não era homem que se deixasse vencer pelo desânimo e valorosamente lutava sempre contra todos os obstáculos, encontrou no doutor Custódio M. de Almeida Cabeça, proficiente cirurgião do Hospital de S. José, de Lisboa, um temperamento semelhante ao seu e de tal maneira se compreenderam que uma confiança ilimitada nasceu entre ambos: no doente, pela competência e saber do médico, capaz de levar a bom termo a arriscada empresa; no médico, pela força e resistência física do doente, pelo seu estoicismo, capaz de suportar todos os sofrimentos com a maior resignação.

A primeira carta dirigida por Guilherme Fernandes ao seu ajudante e datada de 23 de Outubro, explica:

«Cá estou à espera da sentença, cuja execução começa amanhã, pois a operação vai ser dividida em duas.

O doutor Cabeça entende que para a operação ser feita com o máximo número de probabilidades de bom êxito e para evitar que algum pus ou bocadito de carne se introduzam pela garganta nos pulmões, seria conveniente fazer-se primeiro um furo no pescoço para por ali se introduzir uma cânula pela traqueia, para deixar de respirar pela boca e poder vedar-se a passagem da garganta.

Colocado este aparelho, tem de esperar-se dois ou três dias para eu me habituar a respirar por aquele processo e só então é que se poderá fazer a grande operação. Assim o médico pode trabalhar mais à vontade e cortar com vagar tudo quanto esteja contaminado. Já sei que me vão extrair os gânglios do pescoço, dentes maus, etc., além de quase toda a língua posterior. Dizem que, depois, venho a falar; mas de amanhã em diante, até se tirar o aparelho, é que não posso sequer tentar fazê-lo.

A dificuldade em dividir assim a operação estava em o doente não poder prescindir da cloroformização, tendo, portanto, de ser cloroformizado duas vezes; mas eu disse logo ao doutor que se não prendesse com isso, que dores e sofrimento tinha eu para que me preocupasse agora com uma dor de poucos segundos, tanto quanto poderia levar de tempo para fazer o furo no pescoço e por ali passar o tubo pelo qual terei de respirar até à conclusão da grande operação.

Ele gostou muito e disse: — Ora, assim, com um homem destes, resolvido, até dá gosto! — e ficou de vir amanhã às 11 horas (sexta-feira) para se fazer isso».

Nova carta, com data de 26 de Outubro, revela a inegualável força de resistência de Guilherme Fernandes a todos os sofrimentos, com o fim de debelar o terrível mal que o afligia:

«Para melhor avaliar o meu estado de espírito e de robustez, e visto que o doutor Cabeça não me põe esta restrição, resolvi escrever-lhe pessoalmente e exactamente logo a seguir à conclusão da terceira operação para introdução da cânula na traqueia, afim de que estejam perfeitamente tranquilos todos acerca do bom êxito da empresa em que me meti, logo que vi a diversidade de opiniões a respeito da minha moléstia.

Poderia haver um contratempo qualquer, uma dificuldade como agora houve, para a introdução da cânula, mas o doutor Cabeça triunfa sempre e por certo não fará agora excepção. A cânula primitiva saltou fora da traqueia, por ser curta, e por isso teve ontem de se fazer nova operação, procurando introduzir-me outra; mas, apesar da ciência, dos esforços e da boa vontade do operador, não houve meio de ele a poder introduzir, tendo de deixar para hoje essa tarefa, depois de duas horas de luta, que eu suportei resignado, tão cheio de fé e esperança, e sem soltar um queixume, sem um momento de desespero e acabando por pedir ao doutor Cabeça que se não afligisse, que ele me não poupasse, e cortasse sem dó do que eu pudesse sofrer. Ao que ele me respondeu: — Olhe, o senhor é tão sofredor que é preferível assim, a ter de o cloroformizar, visto que não faz o menor movimento e deixa-nos trabalhar à vontade, com a vantagem de lhe

podermos falar quando precisamos. Tenha paciência, fica para amanhã, porque agora já não fazia nada com jeito.

Perfeitamente, lhe respondi, e mais uma vez lhe asseguro que tenho a mesma fé e confiança em si, e que este contratempo não me impressiona. Creia que tem doente que se sujeita a tudo.

Pudera! Pois eu que tinha resolvido matar-me se não houvesse possibilidade de cura, ir agora ter medo e tremer diante do meu salvador! Onde estaria a força de vontade que me orgulho de possuir? Onde estaria o sangue-frio que eu sempre soube ter quando ele me era preciso? Nunca; o que me incomoda é a demora, são as caras dos amigos que parece sofrerem mais do que eu. Foi por isso que eu vim para aqui, deixando a Corporação, a família, para não causar tanto dó, porque uma coisa é ver e outra é ouvir dizer».

Amigos que procuravam saber do seu estado, com as precauções necessárias, depois da terceira intervenção médica, ficaram admirados ao serem recebidos pelo próprio Guilherme Fernandes, a pé, impecável no seu fato de bom corte, afável, com magnífico semblante, onde se não divisava a menor sombra de sofrimento, fazendo apresentações, animando a conversa entre os seus visitantes, tudo por meio de um papel e lápis, visto não poder falar!

Grandiosa e inegualável manifestação de vitalidade e de resistência física!

Em 28 de Outubro escreve, na última carta ao seu ajudante:

«Como vê, não me faltam esperanças, como não me domina o menor medo! Que aí tenham tanta fé e coragem, porque sem ela é que se sucumbe mais depressa. E eu não quero sucumbir; quero viver; preciso de mais alguns anos de vida e com esta ideia me submeto à operação, certo de que os meus desejos se realizarão, porque são, aliás, os da família e de todos quantos me estimam.

[...] Olhe, isto de coragem nada vale, porque coragem todos a têm, quando tiverem força de vontade e domínio sobre si, como eu tenho. E quem assim for, também não tem medo, porque então isso é que não tem a menor utilidade.

[...] Se eu conhecesse que tendo medo a operação corria com melhores auspícios, não o substituiria pela coragem; mas como sei o contrário, e que quanta mais coragem melhor, faço-me valente — uma espécie de herói à força, e creio não ter de arrepender-me. O que eu quero é levantar-lhes aí o espírito e que vejam na operação um meio de me salvar e não um perigo. Substituam a fé pelo anseio, que ficam melhor.

[...] Minha irmã tem sido uma companheira e enfermeira à altura, porque tem tanta coragem como eu. Somos bem parecidos no carácter! Olhe: é a mesma alma em dois corpos diferentes! Médicos e enfermeiros, todos a admiram!»

Que admirável exemplo! Era ele ainda que, esquecendo as suas dores e padecimentos, animava e incutia coragem aos outros!

A operação definitiva realizou-se no dia 29 de Outubro.

Embora as notícias recebidas nesta cidade tivessem sido animadoras, dando lugar a manifestações de regozijo, o doutor Almeida Cabeça, após a operação preveniu a irmã de Guilherme Fernandes da gravidade da situação, pois ao fazer a extirpação do epitelioma, verificou que havia ramificações nos gânglios cervicais profundos e não podendo levar até ali a operação, pelo perigo do corte da veia jugular interna, a cancerização destes gânglios matá-lo-ia brevemente.

Passou o dia 30 em relativo sossego. Ás 8 horas sentiu paralisação do lado direito do corpo, restabelecendo-se-lhe a temperatura normal por meio de fricções violentas. Ás 11 horas o doutor Cabeça levantou o penso e colocou outro iodoformizado, dando-lhe leite por meio de um funil. Ás 9 horas da noite ainda o enfermo se sentia bem.

Guilherme Gomes Fernandes e sua irmã D. Guilhermina

Á 1 hora da madrugada do dia 31 teve contracções. Chamado o médico de serviço e quando este procurava auscultá-lo, teve uma nova contracção, morrendo em seguida.

Dois dias antes de se submeter à operação, Guilherme Fernandes endereçou ao seu ajudante Almeida um volumoso envelope lacrado que continha a sua última vontade, para ser aberto no caso de morrer. Continha cartas dirigidas a El-Rei, ao presidente da Câmara Municipal do Porto e a seus filhos, Carlos e D. Maria Alice Gomes Fernandes.

Da carta que as acompanhava, e dirigida ao seu ajudante, extraímos os seguintes trechos:

«Conhecedor da rectidão do seu carácter e da lealdade com que sempre me coadjuvou, não podia escolher outro para o desempenho desta missão, por ficar com a convicção de que cumprirá à risca, fazendo chegar ao seu destino as cartas inclusas e recomendando a todos que o seu conteudo não seja divulgado nos jornais.

Vou sofrer uma operação melindrosíssima e por isso careço de tomar estas resoluções, já que não tenho bens de fortuna para legar.

Peço-lhe para fazer saber ao pessoal, sem distinção de classe, que o meu último pensamento fica com eles, como em vida esteve sempre o meu coração. Que eles se esforcem por manter sempre digno e heróico o nome do bombeiro português».

Bombeiros de Portugal! A última vontade do **Grande Mestre** deve ser sagrada para vós. É, pois, necessário tê-la sempre por guia dos vossos actos, para que seja fielmente cumprida!

JÚLIO GUEDES.